

# EDUCAÇÃO E HORTA COMUNITÁRIA

## Autores

---

Loroana Dos Santos Ferreira  
Nilva Goncalves Santana

## Orientador

---

Marcia Aparecida Lima Vieira

## 1. Introdução

---

O presente artigo tem como finalidade a socialização das práticas educativas desenvolvidas no projeto “Educação e Horta comunitária na Casa do Morador de Rua”, financiado pelo FAE – Fundo de Apoio à Extensão de 2003 à 2005. Nossas atividades se pautaram nas concepções de Paulo Freire, buscando refletir sobre a possibilidade de reconstrução das relações sociais dos Moradores de Rua com a comunidade, deste modo, revelamos nossa crença de que a educação pode promover as relações sociais favorecendo uma percepção crítica diante do mundo, possibilitando a transformação da realidade, qual consideramos injusta e desigual.

## 2. Objetivos

---

O projeto propôs objetivos a serem gradualmente atingidos, são eles: *atribuir ao processo educativo a dimensão política, articuladora de atividades organizativas que permitam a mobilização para a participação consistente como sujeito na construção histórica; desenvolver a autonomia econômica relativa, a partir da formação de micro-redes e solidariedade e circulação de informações; estudar o potencial educativo popular das cooperativas; desenvolver ação cooperativa a partir de prática de cooperação e do processo educativo; analisar as contribuições da Educação para o desenvolvimento das cooperativas; realizar um estudo profundo e continuado da realidade social em que se vive; ter conceitos claros a respeito da prática cooperativa frente a esta realidade social (VIEIRA, 2003).*

Vale a pena ressaltar que no processo educativo perseguimos a crença de que *os homens se educam em comunhão*, como afirma Freire. Deste modo percebemos que o processo educativo não é unilateral, os seres humanos se educam e são educados simultaneamente num processo contínuo. Sendo assim, nossas práticas e objetivos foram organizadas e reorganizadas ao longo do processo, buscando instigar o grupo de moradores a refletir sobre a cotidianidade, reconhecendo as conseqüências de suas ações no mundo e com o mundo, assumindo-se como sujeitos responsáveis por sua história capazes de pensar sobre ela.

## 3. Desenvolvimento

---

As atividades desenvolvidas no projeto tiveram como base o diálogo, mas não um simples e qualquer diálogo, perseguimos o diálogo exigente previsto na educação popular, que de acordo com Freire, não acontece de *A para B* ou de *B para A*, mas de *A com B*. Pudemos perceber que o diálogo não está numa fórmula pronta, portanto, nosso diálogo foi sendo construído processualmente, nas situações formais e

informais com os moradores.

Nas atividades desenvolvidas no projeto consideramos *situações informais* toda e qualquer situação organizada com o intuito de proporcionar lazer e recreação aos Moradores, ou ainda as situações domésticas realizadas diariamente. Já as *situações formais* caracterizavam-se pelos momentos de trabalho na horta que reafirmaram a necessidade das reuniões semanais caracterizando-as como o momento de planejar ações e tomar as decisões necessárias frente às situações enfrentadas. Nestes momentos de decisão, cada morador tinha direito a voto, respeitando os princípios cooperativistas; assim sendo, a decisão com o maior número de votos deveria ser aderida por todos.

Durante este processo tivemos avanços e retrocessos, pois em diversos momentos os Moradores apresentavam forte tendência a individualizar-se, e para que pudessem se perceber enquanto um grupo que juntos buscam mesmos ideais, foi preciso elaborar várias dinâmicas de grupo que os fizesse perceber a importância do outro.

Pouco a pouco, os Moradores assumiram a horta como um projeto coletivo e gradualmente fomos surpreendidos com a articulação autônoma dos Moradores e discursos que defendiam seus propósitos. Então, os moradores passaram a assumir preocupações em relação à horta e ao trabalho cooperativo organizando as funções de cada trabalhador, entre outras atividades.

Contudo, o processo eleitoral de 2004 alguns dos moradores/trabalhadores que integravam a equipe da horta foram chamados para trabalhar nas eleições entregando propaganda política para alguns candidatos, tanto no primeiro turno, como no segundo turno prejudicando assim o trabalho e as reuniões semanais da Horta.

Desde o começo das reuniões havíamos estabelecido que a Horta era de responsabilidade de todos, e por este motivo todas as decisões desde a mais simples até a mais complexa, tinha que ser discutida por todos os trabalhadores para que fosse posta em prática. Sendo assim, dois membros desta equipe de trabalhadores permaneceram na horta para dar continuidade ao trabalho realizado.

Esta nova configuração tornou difícil a continuidade do nosso trabalho, que tinha como princípio o trabalho em grupo e ocasionou um retrocesso no trabalho coletivo desse grupo, que passou a trabalhar na Horta sem contar com a contribuição coletiva.

Durante este segundo semestre de 2004, o clima na Casa do Morador de Rua começou a ficar mais tenso a partir do acirramento das campanhas eleitorais para a prefeitura de Piracicaba, muitos previam que a Casa do Morador de Rua após as eleições não teria mais o projeto com o qual todos estavam acostumados. Temiam a perda de alguns dos funcionários da Casa com os quais havia se estabelecido um grande vínculo afetivo, pessoas com as quais estavam acostumados a dividir problemas e buscar soluções. Havia o reconhecimento do projeto sócio - educativo pelos moradores, que os próprios moradores viam ameaçado com uma possível mudança no poder executivo.

Após as eleições, muitos moradores passaram a não mais participar de algumas regras construídas anteriormente, afirmando que após o mês de janeiro tudo mudaria no funcionamento da Casa.

Realmente eles tinham razão, nos primeiros dias do mês de janeiro toda a equipe de trabalho foi demitida e uma nova equipe assumiu a Casa, apresentando um novo projeto, muito diferente do projeto anterior. As atividades da Horta foram muito prejudicadas, pois nos parecia que os moradores sentiam necessidade de se desprenderem dos vínculos que criaram. Isto causou um desmonte em nosso trabalho na Horta, os trabalhadores não se sentiam motivados a participar e aos poucos foram deixando de participar das reuniões, e o trabalho na horta era sempre revezado de modo que a horta não era mais um local de encontro do grupo. A tentativa de diálogo foi constante, por várias vezes, as reuniões marcadas com a nova equipe da SEMDES foram desmarcadas as vésperas e não tivemos a oportunidade de apresentar os

trabalhos realizados os projetos em andamento.

#### 4. Resultados

---

A existência e sobrevivência do ser humano estão vinculadas à capacidade que têm de adaptar-se ao mundo, mas a sua essência humana não é de adaptação, mas de transformação, sendo portanto incapaz de permanecer inerte diante dos fatos e das situações, é então próprio da natureza humana criar, construir, transformar o meio, ou seja, o princípio humano é de atividade, sem a qual membros e pensamentos se atrofiam.

O trabalho surge historicamente como uma das atividades praticadas pelo homem, e constituiu a civilização atual com intuito de manter a coesão social, de acordo com Ciampa (2001), a sociedade na qual vivemos reconhece o indivíduo enquanto cidadão de acordo com sua capacidade produtiva, ou seja, através do exercício de sua profissão, deste modo, o trabalho contribui para a construção da identidade das pessoas.

No entanto, a oferta de trabalho vem se tornando escassa ao longo dos anos e a revolução tecnológica das últimas décadas veio acirrar ainda mais esse quadro social fazendo o número de desempregos aumentar desenfreadamente.

Os indivíduos que se encontram na situação de desemprego perdem sua referência de cidadãos, uma vez que são excluídos da produção e do consumo. Este fator, ainda pode gerar problemas familiares ou ainda de exclusão social, que atrelados a outros determinantes os levam a situação de rua, necessitando de abrigo e assistência.

De acordo com Demo (2002, p.16), a assistência se apresenta de duas formas: a “*assistência permanente*”, destinada aos indivíduos que não podem se auto-sustentar devido a complicações crônicas; e a “*assistência provisória*”, para indivíduos que se apresentam em situação de vulnerabilidade. No entanto, a provisória pode se tornar permanente, através de uma proposta que tende a satisfazer apenas as necessidades imediatas do indivíduo (como a fome), rejeitando a perspectiva de reintegrá-lo à sociedade, tornando-o dependente deste benefício.

É imensamente cruel requerer como condição de vida algo que se tornou extinto, no entanto os princípios estabelecidos pelo liberalismo desvairado jamais foram postos em questão, o que nos situa numa relação de cumplicidade, pois nossa sociedade é estruturada por relações de poder, segundo BETINHO (2000:21), “*Há uma certa cumplicidade na relação de poder. Muitas vezes o dominado quer a proteção de quem tem o poder, de quem domina. Por isso se submete. E, ao se submeter, perpetua a situação de dominação.*”.

A maioria da população não tem consciência dessa dominação ou não exercem essa consciência, pois a convivência com o capitalismo e a filosofia que o mantêm faz com que os indivíduos se contradigam apresentando inconformismo verbal e conformismo prático diante as atrocidades geradas e criadas pelo liberalismo.

Desta forma nos lícito explicitar que a relação dominador-dominado só será rompida pelos próprios dominados na medida em que perceberem as conseqüências de suas ações no mundo e com o mundo, assumindo-se como sujeitos responsáveis por sua historia capazes transformar seu futuro.

#### 5. Considerações Finais

---

Trabalhar com essas pessoas, que são excluídas e que se adaptam ao cotidiano cruel das ruas onde são marginalizadas e nem sempre conseguem um mínimo para a sobrevivência, foi um desafio, mas nos mostrou que é possível quando é estabelecido um vínculo de confiança entre os membros desse grupo e quando demonstramos que somos parceiros numa aprendizagem conjunta e diária. Neste sentido, nosso trabalho foi de instigá-los para que continuem apostando em suas potencialidades buscando coletivamente soluções para os problemas que vão surgindo cotidianamente.

## Referências Bibliográficas

---

BARRETO, Vera. **Paulo Freire para educadores**. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.

CIAMPA, Antonio da Costa. **A Estória de Severino e a História de Severina**, Um Ensaio de Psicologia Social. São Paulo: Brasiliense, 2001 (7a. Edição)

DEMO, Pedro. **Educação pelo Averso**: Assistência como Direito e como Problema. São Paulo: Cortez, 2002 (2a Edição).

FORRESTER, Viviane. **O Horror Econômico**. São Paulo: UNESP, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

RECH, Daniel. **Cooperativas**: Uma Onda legal. Rio de Janeiro: Coleção Socializando Conhecimentos nº 08, Instituto Apoio Jurídico e Popular-FASE, 1991.

TORRES, Rosa Maria. **Discurso e prática** em Educação Popular. Ijuí: UNIJUÍ, 1988.

VIEIRA, Márcia Ap. Lima. Projeto Educação e Horta Comunitária na Casa do Morador de Rua. 2003. UNIMEP (Mimeo)